



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM
FILOSOFIA**

**IARA BEATRIZ FIGUEIROA ITALIANO
COSTA**

**SCHILLER E A POESIA POPULAR NORDESTINA: O CONCEITO DE
INGÊNUO NO POETA DE IMPROVISO**

**CAMPINA GRANDE
2024**

**IARA BEATRIZ FIGUEIROA ITALIANO
COSTA**

**SCHILLER E A POESIA POPULAR NORDESTINA: O CONCEITO DE
INGÊNUO NO POETA DE IMPROVISO**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao
Departamento do Curso de
Filosofia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial
à obtenção do título de graduada
em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia
da arte e estética.

Orientador: Prof. Dr. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano

**CAMPINA GRANDE
2024**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837s Costa, Iara Beatriz Figueiroa Italiano.
Schiller e a poesia popular nordestina [manuscrito] : o conceito de ingênuo no poeta de improviso / Iara Beatriz Figueiroa Italiano Costa. - 2024.
21 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Filosofia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2024.
"Orientação : Prof. Dr. Ramon Bolívar Cavalcanti Germano , Coordenação do Curso de Filosofia - CEDUC. "

1. Poesia. 2. Poesia popular nordestina. 3. Literatura. 4. Filosofia. I. Título

21. ed. CDD 801.95

IARA BEATRIZ FIGUEIROA ITALIANO COSTA

SCHILLER E A POESIA POPULAR NORDESTINA: O CONCEITO DE
INGÊNUO NO POETA DE IMPROVISO

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao
Departamento do Curso de
Filosofia da Universidade Estadual
da Paraíba, como requisito parcial
à obtenção do título de graduada
em Filosofia.

Área de concentração: Filosofia da
arte e estética.

Aprovada em: 21 / 06 / 2024.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



RAMON BOLIVAR CAVALCANTI GERMANO

Data: 06/07/2024 10:08:45-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Ramon Bolivar Cavalcanti Germano (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Documento assinado digitalmente



OTACILIO GOMES DA SILVA NETO

Data: 08/07/2024 15:28:01-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Otacílio Gomes da Silva Neto

Documento assinado digitalmente



GILMARA COUTINHO PEREIRA

Data: 08/07/2024 06:30:09-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Gilmara Coutinho Pereira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, irmãos e
namorado, pelo companheirismo,
afeto e inspiração poética,
DEDICO.

“Deus disse: Vou ajeitar a você um
dom: Vou pertencer você para
uma árvore. E

pertenceu-me.

Escuto o perfume dos
rios. Sei que a voz das águas tem
sotaque azul.

Sei botar cílio nos
silêncios. Para encontrar o azul eu
uso pássaros. Só não desejo
cair em sensatez. Não quero a
boa razão das coisas. Quero o
feitiço das palavras...”

Manoel de Barros

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	07
2	A ESTÉTICA DE SCHILLER	07
2.1	<i>Os impulsos</i>	09
2.2	<i>O ingênuo e o sentimental</i>	10
2.3	<i>O poeta</i> ser	11
3	A TEMÁTICA DA INGENUIDADE NA POESIA POPULAR NORDESTINA	13
4	METODOLOGIA.....	17
5	CONCLUSÃO.....	18
	REFERÊNCIAS	18

SCHILLER E A POESIA POPULAR NORDESTINA: O CONCEITO DE INGÊNUO NO POETA DE IMPROVISO

SCHILLER AND NORTHEAST POPULAR POETRY: THE CONCEPT OF NAIVE IN THE IMPROVISATIONAL POET

Iara Italiano^{1*}

RESUMO

O presente trabalho analisou as obras "A Educação Estética do Homem" e "Poesia Ingênua e Sentimental" de Friedrich Schiller, buscando relacionar filosoficamente esses textos com a literatura poética popular nordestina. Utilizando os conceitos de arte Ingênua e Sentimental, o estudo demonstrou como artistas populares conseguem se assemelhar ao Ingênuo de Schiller. Artistas como Leonardo Bastião, Lourival Batista e Pinto do Monteiro exemplificam essa conexão, mostrando que a Natureza é essencial para suas vidas e artes. Esses artistas produzem e recitam suas obras de forma simples e espontânea, sem conhecimentos técnicos prévios, mas com métrica e rima perfeitas. Assim, evidencia-se que a filosofia de Schiller e a arte popular nordestina possuem pontos de encontro que permitem diversas análises e pesquisas sobre suas semelhanças literárias e filosóficas.

Palavras-chave: Poesia. Nordeste. Literatura. Filosofia.

ABSTRACT

The present work analyzed the works "The Aesthetic Education of Man" and "Naive and Sentimental Poetry" by Friedrich Schiller, seeking to philosophically relate these texts to the popular poetic literature of the Northeast of Brazil. Using the concepts of Naive and Sentimental art, the study demonstrated how popular artists can resemble Schiller's Naive artist. Artists such as Leonardo Bastião, Lourival Batista, and Pinto do Monteiro exemplify this connection, showing that Nature is essential to their lives and art. These artists produce and recite their works in a simple and spontaneous manner, without prior technical knowledge, but with perfect meter and rhyme. Thus, it becomes evident that Schiller's philosophy and the popular art of the Northeast of Brazil have points of convergence that allow for various analyses and research on their literary and philosophical similarities.

Keywords: Poetry. Northeastern. Literature. Philosophy.

^{1*} Estudante de Filosofia pela Universidade Estadual da Paraíba, iara.costa@aluno.uepb.edu.br.

1 INTRODUÇÃO

A importância dos estudos acerca da Poesia Popular do Nordeste brasileiro não é desconhecida, assim como as pesquisas de Friedrich Schiller referentes à literatura e arte poética também não o são. Contudo, de maneira introdutória e analítica, buscou-se, neste trabalho, apresentar os estudos do filósofo alemão nas obras *A Educação Estética do Homem* e *Poesia Ingênua e Sentimental*. Na primeira, encontra-se uma análise do autor sobre o período histórico em que viveu, e um diagnóstico da essência do homem a partir do que ele chama de *Impulsos*; investiga as tendências humanas no que se refere aos campos dualistas da *sensibilidade* e da *racionalidade*, do âmbito *temporal* e do *ideal*, e, ainda, da *pessoa* (enquanto ser estável) e do *estado* (enquanto atividade de movimento). De um lado, sempre uma versão racionalizada, de outro, uma posição de possibilidade de obtenção da liberdade, por meio do desencontro com a necessidade da imutabilidade. Além disso, discute-se ainda sobre o papel de ferramenta política e educadora da Beleza. Reúnem-se, assim, o contexto, as possibilidades e os desafios do Estado em relação à obtenção de uma educação promovida pelo que é Belo.

Na obra *Poesia Ingênua e Sentimental*, por sua vez, Schiller introduz suas definições específicas referentes ao ser poeta. Agora, versa-se acerca dos conceitos de *Poesia*, *Beleza*, *Contemplanção Estética*, *Poesia Ingênua* e *Poesia Sentimental*. Nesse momento é que se destrincham os princípios que são capazes de explicar as veredas que ligam a poesia e a filosofia, entendendo a primeira como um objeto educador e político, bem como um objeto de pesquisa que possui definições bem esclarecidas sobre a sua essência e sobre o efeito que causa no ser que a contempla.

Dessa forma, ao analisar alguns textos poéticos de artistas nordestinos como Lourival Batista e Marquinhos da Serrinha, por exemplo, adentra-se, então, no campo da arte e da estética filosófica, ainda que partindo de produções tão próprias no que se denomina como senso comum. Nesse segmento, deseja-se encontrar pontos que sejam capazes de explicar as essências filosóficas que tais poetas carregam em si, bem como demonstrar a riqueza de conhecimento popular existente no domínio de mulheres e homens que, de alguma maneira, independem da alfabetização e do letramento, bem como de teorias para que consigam, ainda assim, elaborar obras completas do ponto de vista técnico e literário.

2 A ESTÉTICA DE SCHILLER

De maneira cirúrgica e pontual, Johann Christopher Friedrich Schiller (1759-1805), filósofo e poeta alemão, desenvolve uma das suas principais obras e um dos alicerces que ajudam a nortear parte dos estudos referentes à experiência estética e o papel do Belo no âmbito político. Em *A Educação Estética do Homem* (1795) encontramos uma estrutura modelada por escritos que, por ele, foram feitos ao modelo de cartas. A obra, além disso, encontra-se com uma divisão em três blocos separados por etapas de pensamento e desenvolvimento do tema pelo autor, a serem versadas em seguida.

Objetivando diagnosticar a situação do período moderno, Schiller inaugura seus escritos apresentando o seu posicionamento em relação à natureza do

homem: sendo um ser de essência mista, possui em si aspectos de igual potência, isto é, ao passo que apresenta tendências sensíveis, também demonstra aptidões racionais, sem que um lado deva se sobrepor ao outro, e sem considerar algum desimportante. A Modernidade, ainda que de maneira e em contextos distintos, fracassa por um motivo central: dar prevalência a um dos aspectos em detrimento do outro. Schiller mostra como o homem moderno cede espaço exacerbado ao campo racional em relação ao campo sensível. Um exemplo importante é fornecido pela ética kantiana do dever: o bem fazer enquanto obrigação moral marginaliza a sensibilidade humana, pois, os bons atos (baseados no dever) ignoram a dimensão sensível (inclinações) e contam apenas com a capacidade racional do sujeito. Com outras palavras, Schiller enfatiza a tensão que existe entre entendimento e sentimento. Esse é um dos motivos fundamentais que inspiram o ensaio de Schiller: a busca por um ser humano inteiro, no qual se harmonizem o impulso e o dever, a inclinação natural e a exigência ética. Nas palavras do autor: “é preciso, portanto, que seus impulsos concordem suficientemente com sua razão para valer como uma legislação universal” (SCHILLER, 2002, p. 28).

Com outras palavras, o que Schiller almeja é a harmonia entre o homem *real* (temporal) e o homem *ideal*. Ocorre, no entanto, que o ser humano tende a cindir-se, e a não ser inteiro em si mesmo. Ou tende, ainda, unicamente para os sentimentos, tornando-se um selvagem, ou para a razão desprezando os sentimentos e tornando-se um bárbaro (SCHILLER, 2002, p. 29). Só o ser humano cultivado, contudo, é natural e ao mesmo tempo livre, ao conseguir unificar sensibilidade e racionalidade.

Para Schiller, é na cultura grega que encontramos uma referência de integridade e de harmonia, contrastando com o espírito moderno. Este, por sua vez, aparece para o autor como fragmentado, promovendo um divórcio entre natureza e espírito, intuição e entendimento, indivíduo e estado, prazer e trabalho, etc. Acontece que, diferente de um filósofo radicalmente racionalista, Schiller defende que a unidade ou integralidade do ser humano depende, por vezes, muito mais da “formação da sensibilidade” do que da formação do entendimento. Segundo o autor, sua época já é esclarecida, o que não implicou uma melhoria da moral e da harmonia humana. O entendimento está desenvolvido, mas falta-lhe o incremento do sentimento, isto é, “O caminho para o intelecto precisa ser aberto pelo coração” (SCHILLER, 2002, p. 47). E ainda: “não falta luz, mas calor, nem tanto cultura filosófica, mas cultura estética” (SCHILLER, 2002, p. 149).

Esse “calor” é proporcionado pela arte e, mais especificamente, pela beleza. É a beleza, segundo Schiller, que poderá unificar entendimento e sentimento. É através da beleza – que deve ser buscada para além da utilidade e do gozo imediato – que será possível uma educação dos prazeres. Para o autor, uma vez que o artista está educando os prazeres, estará também educando as ações e as intenções dos homens.

Esse ser humano que precisa alcançar a sua integridade através da educação estética é ao mesmo tempo *pessoa* e *estado*. A *pessoa* é aquilo que permanece em toda a mudança, o *estado*, pelo contrário, aquilo que muda em toda permanência. Como sugere Schiller: “por mais que a pessoa perdure, alterna-se o estado, e em toda alternância do estado, perdura a pessoa” (SCHILLER,

2002, p. 59). À parte disso, apenas o divino justifica-se em si e por si, uma vez que não é finito, sendo eternamente o mesmo. O ser humano, em contrapartida, deve lidar com essa tensão, de modo a conciliar esses elementos distintos. Ou seja, para ele, ao passo que os estados se movimentam rumo à modificações constantes, cabe ao ser (pessoa) lutar sempre em busca da permanência frente às variações promovidas pelos estados. Schiller vê nisso o traço divino no homem: ele precisa, incessantemente, trazer unidade, ordem (forma) à multiplicidade (matéria); precisa trazer determinação (matéria) à forma. Assim, pode-se alcançar o estado de Graça que, segundo o autor, é onde plenamente experienciamos a harmonia com a nossa humanidade dentro da temporalidade que nos é cabível por necessidade.

2.1 Os impulsos

Para o filósofo, a força que nos movimenta em favor desse equilíbrio chama-se *impulso*. Em suas cartas, Schiller destaca três impulsos fundamentais, sendo o primeiro deles o impulso sensível. Trata-se da pulsão básica da condição de existência do homem, atuando como limitante em relação ao tempo e fazendo do homem um ser ligado à matéria, isto é, “finitizado”. É um impulso de “realidade” (por oposição à idealidade). Assim, a finitude do homem é controlada por esse impulso ao passo que carrega consigo a corrente da realidade finita em si: ainda que a abstração caminhe em busca do que é infinito, este impulso a busca de volta.

O segundo impulso, o *formal*, por sua parte, visa inaugurar no ser humano o estado de liberdade: comprovar a existência do homem mesmo em face da constante modificação do estado. Com outras palavras, o impulso formal afirma a unidade da pessoa em detrimento das modificações do estado; é um impulso de idealidade, de necessidade e universalidade. Aqui, nos elevamos: “Não mais estamos no tempo durante esta operação, mas é o tempo que está em nós com toda a sua série infinita”. (SCHILLER, 2002, p. 65).

Por isso, cabe à cultura uma tarefa dupla: de um lado, resguardar a sensibilidade em relação às intervenções do entendimento formalizador; de outro lado defender a universalidade contra o poder da sensibilidade. Em suma, cabe à cultura o cultivo da faculdade sensível (mais receptiva) e o cultivo da faculdade racional (mais determinante).

A ideia de Schiller é que ambos os impulsos entrem em unidade e harmonia regulando-se mutuamente. Schiller chama de impulso lúdico o impulso em que os dois outros atuam juntos. Esse impulso refere-se à experiência do Belo, do estado mais puramente estético do ser. Aqui, nem a visão racional ou a sensibilidade sobressaem ao olhar do homem. Antes, porém, a livre contemplação apresenta-se como o único caminho consolidado para a conquista da Liberdade tão citada pelo autor. Para ele, o homem só é capaz de alcançar a liberdade plena quando caminha pelas estradas da Beleza e, assim, no exercício da livre contemplação pelo que é Belo, consegue alcançar tal virtude. O impulso lúdico, como força geradora da beleza, harmoniza racionalidade e sensibilidade. Nas palavras do autor: “Pela beleza, o homem sensível é conduzido à forma e ao pensamento; pela beleza, o homem espiritual é reconduzido à matéria e entregue de volta ao mundo sensível (SCHILLER, 2002, p. 91).

A Beleza, segundo Schiller, é por si só livre. O fenômeno alcança também a liberdade por meio da beleza. Esta, por sua vez, excede o patamar de “sentimento daquele que contempla” e atinge o lugar de uma propriedade do próprio objeto contemplado, ou seja, de maneira independente ao ser que o enxerga, ele continua Belo e, mais que isso, consegue vencer a matéria: Uma Obra de Arte é mais do que o seu estado e consegue vencer a sua condição. Assim, por ausência dessa dependência, torna-se essencialmente livre. Em síntese, por definição do próprio filósofo: “A beleza é quando a forma vence a matéria”. Por esse motivo, inclusive, é que se baseia o papel do equilíbrio promovido pela estética definido por Schiller: no estado estético não há hierarquias. Nele, as condições tornam-se iguais, todos os seres contemplam, pois, segundo o autor “Somente a beleza agrada a todos”. Dessa forma, o Belo gera a humanização completa dos homens, ao passo que igualiza a todos no exercício da contemplação.

Assim sendo, o estado estético possui, ainda, a capacidade de interligar os demais por meio da experiência da Beleza. Aqui, os estados físico, moral, lógico e estético tornam-se unificados através da condição única, política e comum a todos: a contemplação estética.

2.2 O ingênuo e o sentimental em Schiller

Em *A Educação Estética do Homem*, Schiller demonstra a conclusão geral a que chega: não é possível que o homem encontre em totalidade a emancipação a que se destina, contudo, aquele que se dedica a buscar e enobrecer-se de maneira moral, não desiste frente a constante busca pela liberdade. É através da beleza que o ser humano pode ascender até uma maior perfeição, seja no sentido estético, seja no sentido moral.

Na obra *Poesia Ingênua e Sentimental* o autor volta, de certo modo, ao resultado anterior, isto é: agora, compreendendo que o homem não consegue atingir plenamente a liberdade, e que pode, maximamente, almejar o *belo ideal* em plenitude, cabe, então, a busca por promover ativamente as possibilidades de realização do Ideal humano nos espaços em que se vive. O artista, dessa forma, carrega a obrigação de buscar esse princípio como tarefa básica de existência.

Para Schiller, a arte poética se sobressai às outras modalidades artísticas no que diz respeito à expressão humana, pelo fato de que, segundo ele, é na poesia que melhor se apresentam as variáveis do agir do *gênio*. Além disso, Schiller argumenta acerca da completude da poesia no que se refere à contemplação das artes plásticas e sonoras, isto

é, ela se encontra apresentando as duas de maneira eficaz, sendo capaz de inclinar-se, por vezes, à arte plástica; e em outras, às criações rítmicas e musicais. Dessa forma, evidencia-se, então, a natureza humana refletida na criação poética: de um lado, o *sentimental*, dedicado ao aperfeiçoamento do Ideal a que foi destinado, como demonstrado nas produções artísticas modernas e contemporâneas; de outro, a versão humana *ingênua*, exposta nas produções artísticas da Antiguidade, por exemplo, em que demonstravam a mais elevada realização do homem, mesmo que dentro dos limites, nas palavras do autor, uma *perfeição finita*.

Em *Poesia Ingênua e Sentimental*, Schiller introduz a sua tese referente às ideias de Ingênuo e Sentimental. Para ele, a Natureza em sua forma pura e constrangedora, quando em comparação com a arte, se sobressai e a envergonha. Mais que isso, o estado de contemplação daquilo que é, em suma, a Natureza em si, possui muito mais do que um critério estético, mas antes, moral. Ou seja, por um exemplo do próprio autor: se uma flor artificial aparentemente perfeita, com forte aparência real, fosse descoberta em sua verdadeira matéria, eliminaria tal emoção contemplativa a que nos referimos anteriormente.

Para o autor, isso se explica pelo fato de que em tais objetos naturais encontramos a necessidade geradora que nos falta: “São o que nós fomos; são o que devemos vir a ser de novo.” (SCHILLER, 1991, p. 44). São os meios pelos quais nos ligamos ao Ideal e, assim, num exercício estético contemplativo, conseguimos alcançar o estado de comoção aqui discutido. É necessário destacar ainda que, mesmo que de maneira mais ou menos intensa, segundo o autor, todo homem recebe, nesse estado, algum nível de comoção pela natureza ingênua, devido à predisposição moral que, por sua vez, não livra ninguém, todo homem tende a ser atingido por tal sensação.

Para fortalecer sua tese, o filósofo argumenta por meio do exemplo comparativo do processo de infância da criança. O que se dá, no momento em que a contemplamos com a sua inocência e determinação características, é um olhar a partir de um lugar de *acabamento* que nós, adultos, possuímos. Tais características do período dão à criança aspectos necessários para a caminhada rumo ao Ideal. Enquanto elas possuem a coragem e a pureza, nós possuímos a força e o *acabamento* maduros.

Assim, o conceito de ingênuo de Schiller está presente na contemplação natural e constrangedora estética presente naquilo que não se espera, ou seja, as crianças são, por necessidade, imaturas e puras, mas isso se espera como determinação precedente. A

ingenuidade a ser tratada aqui, está onde não se espera que esteja: “O ingênuo é uma infantilidade, ali onde já não é esperada.” (SCHILLER, 1991, p. 47).

2.3 O ser poeta

Em se tratando da relação do homem com a natureza, seguindo uma linha cronológica desde os gregos da antiguidade, em que a arte e a natureza não se encontravam distanciadas, chegamos, período após período, a um estado de relação quase que saudosa, isto é: “eles [os antigos] sentiam naturalmente; nós outros sentimos o natural.” (SCHILLER, 1991, p. 56). Enquanto os gregos conviviam em harmonia de maneira espontânea com a natureza, nós nos esforçamos para senti-la, “Nosso sentimento pela natureza assemelha-se à sensação do doente em relação à saúde” (SCHILLER, 1991, p. 56).

Dessa forma, em meio ao mundo distanciado da natureza, estão os poetas que, para o autor, são os “guardiões da natureza”. Estes poderão, então, se apresentar de duas formas opostas: “Sendo natureza [ingênuo] ou buscando a natureza perdida [sentimental]” (SCHILLER, 1991, p. 57). Determina-se, assim, a posição que cada um ocupa no espaço em que se encontra:

De um lado, o poeta ingênuo; do outro, o sentimental. Apenas esses dois detêm o domínio sobre a verdadeira poesia existente, e ainda: O poeta, digo, ou é natureza ou a buscará. No primeiro caso, constitui-se o poeta ingênuo; no segundo, o poeta sentimental. (SCHILLER, 1991, pág. 60).

No ser poeta, então, o caminho poético não se finda. Mesmo que se perca devido à realidade moderna e modificada, a simplicidade da natureza, como que por um impulso, o atrai de volta. Assim, ainda que em um mundo artificial, o homem caminha e se atrai incansavelmente e alimenta o espírito poético pela natureza, não consegue fugir dela.

Sobre a definição específica acerca do processo artístico, o poeta sentimental reflete a partir da sensação que lhe causa os objetos naturais. Esta comoção nasce da Ideia do objeto, da emoção causada por ele: aqui, sustenta-se a potência poética apenas nessa referência. Ele encara, então, o seguinte caminho dualista: “com a realidade enquanto limite e com sua Ideia enquanto infinito.” (SCHILLER, 1991, p. 64). Isto é, ele enfrenta o que é real de maneira limitada e carente de liberdade, encarando as limitações essenciais ao real e, por outro lado, com a Ideia que ele detém, com um caráter infinito. A realidade limita, ao passo que a Ideia amplia e busca o ilimitado.

Os poetas Ingênuo e Sentimental possuem, em relação à ligação com a natureza, a equivalência de que, em ambos, a função de “dar expressão plena à natureza” (SCHILLER, 1991, p. 88) está presente como objetivo primeiro, e do qual, sem este, não seriam de fato considerados poetas. O poeta Ingênuo como sendo Uno com a natureza, completamente indivisível dela; o poeta sentimental, por sua vez, como o impulsionador do reestabelecimento dessa mesma Unidade que, com o tempo, suprimiu-se, mas pretendendo elevar o homem a um estado infinito por meio dela. O ingênuo detém como sensível a realidade presente, o sentimental incansavelmente a busca a fim de contemplar-se com ela.

O poeta ingênuo, ainda, possui um movimento de “repouso” no que se refere ao processo de criação poética. Ele se completa em espírito e sensibilidade, alcança a Unidade necessária para transportar o natural para o artístico. O poeta sentimental, entretanto, recebe das impressões um impulso que o leva a expressar artisticamente a Unificação harmônica perdida, que o poeta ingênuo concretiza de maneira mais imediata. Nas palavras do autor: “a mente aqui está em movimento, tensionada, vacilando entre sentimentos conflitantes, ao passo que lá está em repouso, distendida, unida consigo mesma e completamente satisfeita.” (SCHILLER, 1991, p. 89).

Dessa maneira, demonstra-se aquilo que o autor caracteriza como a “vantagem” do poeta ingênuo sobre o sentimental: ele consegue ultrapassar o Impulso que o segundo alcança, mas detém com precisão a *união necessária com a natureza* em existência real. O sentimental possui vantagem sobre o ingênuo, por sua vez, na produção de um “objeto maior” a partir do seu impulso. Ambos, assim, possuem limitações comuns a todos: o poeta Ingênuo consegue unir-se à natureza, mas a humanidade, por si mesma, não é capaz de oferecer ao homem a liberdade completa. O sentimental não consegue alcançar a tarefa da Unificação completa, mas, por outro lado, possui a completa Infinitude que a ideia (virtude

concernente a ela) lhe permite buscar. O Ingênuo une-se ao real por completude, ao passo que o sentimental afasta-se, por vezes, do campo real e sensível tendo em vista uma dimensão mediada pelo Ideal.

3. A TEMÁTICA DA INGENUIDADE NA POESIA POPULAR NORDESTINA

Tendo como ponto de partida os conceitos defendidos por Schiller de *poesia Ingênua e Sentimental*, cabe, então, uma análise mais específica no que se refere aos poetas populares do Nordeste brasileiro.

Em primeiro lugar, é importante a compreensão daquilo que se define como “poesia popular nordestina” neste trabalho. Aqui, cede-se lugar ao entendimento de que, assim como consensualmente admite-se, poeta é um agente da literatura pautado pela arte. Para Lamartine, a poesia é “a encarnação do que o homem tem de mais íntimo no seu coração e de mais divino em seu pensamento.” (LAMARTINE, 1987, p.125). A poesia popular, assim, poderia ser definida como uma prática social que recebeu respaldo por meio da tradição. Somamos, então, dois fenômenos complementares: a poesia e a expressão popular de um povo em uma só arte. Dessa forma, acrescenta-se o terceiro: a regionalização e a localização e definição geográfica, isto é, trata-se da expressão popular por meio da poesia de um povo específico, o nordestino.

A expressão da poesia do povo nordestino demonstra-se há um extenso período de tempo. Historicamente, nasce da oralidade, de geração em geração, vê-se presente a memorização e perpetuação de uma tradição oral que deu origem a uma das principais demonstrações artísticas populares: o repente. Segundo Moreira (2006, p. 56), tal estilo teria sido iniciado no Brasil por meio do Trovadorismo provincial vindo de Portugal no período colonial brasileiro. Nasce daí, uma das grandes demonstrações do que Schiller defende e que já foi citado: o papel político da poesia que se demonstra pela democratização do acesso e da produção artística que já há mais de 500 anos estabeleceu-se no nosso país. Contudo, alguns aspectos da poesia que é produzida na região nordestina carecem de maior ênfase para o ligamento das relações entre filosofia e literatura regionais.

Ao falar-se sobre poesia popular nordestina, como já citado, relembramos a prática de dois principais modos poéticos: o cantador e o cordelista, ambos podendo possuir consigo a arte de improviso. O cantador que musicaliza versos e o cordelista que os escreve em linhas: o encontro da poesia oral e da poesia escrita.

Nesse sentido, é essencial destacar a relação do poeta nordestino com a Natureza. Aqui, como Schiller já anunciara, encontra-se bem mais do que uma relação de descrição e reprodução, ou análise e contemplação, antes, demonstra-se uma questão de *Unidade* real entre o poeta e o Natural. Sobre o exposto, cabe uma análise específica das

características básicas da modalidade poética e das relações e momentos de encontro com os conceitos de Schiller.

Em primeiro lugar, analisa-se a capacidade dos poetas populares nordestinos de improvisação e criação artística, ainda que sem estudos

precedentes, o que denota uma dimensão muito mais “imediata” em sua atividade criativa. De um lado, temos o poeta cantador que consegue, diretamente, produzir a obra que, já em sua própria organização estrutural, o religa ao objeto: de maneira habitual, em uma cantoria de pé de parede apresentam-se os poetas que nada estudaram e que não conheceram teorias linguísticas, mas dominam a arte e as palavras versadas e rimadas como que por inspiração natural. Vê-se a seguir duas estrofes de uma peleja de cantoria entre os poetas Pinto do Monteiro e Louro do Pajeú, com o contexto de que Louro confunde os termos “corola” e “carola” em uma das provocações:

Um rapaz que
teve escola e
ainda cantar
errado
fala em flor e diz
'carola' muito
tem se
confessado.
Parte da flor é
'corola' Precisa
tomar 'coidado'.
(Pinto do
Monteiro)

Pra não ter um
só errado errei
eu, erraste tu,
errou Pinto do
Monteiro e
Louro do
Pajeú.
Nesta palavra
'coidado' tire o
'o' e bote o 'u'.
(Louro do
Pajeú).

Ainda nesse segmento, avista-se a genialidade do poeta Leonardo Bastião que, por sua vez, demonstra mais evidentemente a ligação de Unidade com a natureza por princípio de produção e vivência artística. Ele, com uma vida inteira dedicada ao campo, sem contato com maiores “modernidades”, analfabeto e classificado pelo poeta Zé Adalberto² como um “poeta orgânico”, escreve estrofes inspirados pelo natural em que vive, e declara não viver sem a poesia, e não compreender em que momento ela nasce e em que momento nasce ele.

Poeta é esse que cria
duma sombra um personagem

² José Adalberto Ferreira, poeta de Itapetim – PE.

depois que faz a
 montagem fica
 como ele queria
 como nasce a
 poesia
 só Deus sabe e mais
 ninguém no mundo
 todo já tem
 se botar mais
inda cabe e a
 gente ainda não
 sabe
 explicar de onde é que vem.

Bastião observa a natureza, muito mais do que de maneira meramente contemplativa, mas entendendo-se como parte integral, e declarando em muitos dos seus poemas que, mais do que um observador, é ele também natureza; não apenas se emociona, mas sente-a em si. Diz ele, por exemplo:

Meus verso é feito
 das *coisa* que eu
 vejo em cima do
 chão poesia é minha
 fonte
 todo poeta é irmão
 e aquele que me
 censura o que
 ganhou em
 leitura perdeu
 em educação.

*

Juazeiro é uma
 planta Que
 resiste à terra
 enxuta A fruta
 não vale nada
 E a madeira é
 torta e bruta Mas
 a bondade da
 sombra Tira a
 ruindade da fruta

*

Tudo que o homem
 estudou, Pra
 natureza foi pouco
 Ele não faz um
 coqueiro, Se
 inventar fica
 louco Caçando a
 encanação Que

leva a água do
chão Pra botar
dentro do côco.

Sob outra perspectiva, ainda se tem a versão dos poetas instruídos e dedicados à poesia como objeto de trabalho e estudo. O poeta Marquinhos da Serrinha, morador do sítio Serrinha é um homem que estudou, teve contato com a vida moderna e compreende alguns conceitos básicos de produção poética, mas a obra que ele produz, nas palavras dele, é inspiração Divina. Na hora do improviso, não calcula métrica e não analisa rimas, e une-se ao natural muito mais do que de maneira imagética, mas como inspiração. Em poucos segundos é capaz de produzir estrofes metrificadas e rimadas, partindo unicamente da observação de dois cachorros, um amarrado e outro solto ao seu redor:

Senhor, eu vim
Ihe pedir Pra
soltar o meu
amigo Se ele
ficou de castigo,
Se arrependeu e
quer sair A gente
tem que partir
Lá pra casa do
meu dono Ele tá
num abandono
Não sei quantos
dias têm E lá
ficou sem
ninguém Pra
proteger o seu
sono (...)
Sei que o senhor tem
notado O meu
semblante tristonho
Saiba que já fui
risonho Gordo, solto,
acompanhado Pra
que deixar amarrado,
Quem viveu na
liberdade?
Eu peço por
caridade
Solte que ele
ta triste
Oh, senhor!
Ninguém resiste
Viver sentindo
saudade.

No mesmo segmento, o já citado poeta Pinto do Monteiro, improvisou sobre um mote proposto por Manoel Filó: “O carão que cantava em meu baixio / Teve medo da seca e foi embora”. O poeta demonstra maestria ao produzir versos como os seguintes:

Se em janeiro não houver
trovoada Fevereiro não
tem sinal de chuva Não se
vê a mudança da saúva
Carregando a família da
morada Só se ouve do
povo é a zuada
Pai e mãe, noiva e noivo, genro
e nora Homem treme com a
fome, o filho chora Se arruma e
vão tudo para o Rio
O carão que cantava em meu
baixio Teve medo da seca e
foi embora. (apud
MEDEIROS, 2007, p. 21)

Esses e outros exemplos são capazes de evidenciar que o poeta denominado popular nordestino demonstra a sua *poesia ingênua* na sua produção artística pura, individual e Unificada ao que ele, a mais das vezes, define como inspiração poética. Mais do que isso, ao analisar tais produções, comprova-se, mais uma vez, aquilo que Schiller defendia acerca do papel político da estética: na poesia popular do povo nordestino, todos apresentam-se como capazes e detentores da mesma arte, isto é, a democracia

concedida pela poesia ultrapassa os campos da condição social, geográfica e acadêmica, está e é para quem a possui, antes, por uma virtude recebida por essência.

Fazendo *poesia ingênua* o poeta popular é guardião de um modo de fazer arte que, segundo Schiller, só encontra precedentes na antiga poesia grega. Por isso a poesia popular pode ser vista hoje como um elo que liga o homem a um fazer artístico mais imediato e originário, no qual a unidade do homem com a natureza ainda não foi completamente desfeita.

4 METODOLOGIA

Para a produção do presente trabalho de caráter descritivo e exploratório, com uma abordagem qualitativa, utilizou-se a leitura de obras de filósofos, pesquisadores e poetas. A partir dos textos primários de Friedrich Schiller, foi possível obter a base conceitual e a estrutura primeira da pesquisa, isto pelo fato de que o autor inaugura as discussões acerca dos conceitos a que se dedica este

estudo.

A partir disso, pôde-se dar continuidade à leitura de outros autores secundários, bem como o estudo e acompanhamento das tradições e arquivos orais que, nesta produção, possuem igual importância para a aquisição de conhecimentos e arquivos teóricos.

Seguindo este caminho, chegou-se a tarefa final do artigo, isto é, analisar as obras, comparar e, por fim, relacioná-las de maneira concisa, a fim de que se obtivesse uma análise comparativa estruturada na leitura e pesquisa dos textos primários dos autores em destaque.

5 CONCLUSÃO

Estudar sobre a Poesia Popular Nordestina é muito mais do que uma preferência literária, mas, antes, um movimento de revolução e defesa cultural e regional. Estudar a filosofia de Schiller, por outro lado, é abrir caminhos para uma perspectiva enriquecedora sobre aspectos diversos e que, neste trabalho, clarearam o entendimento acerca da atividade poética regional.

Dessa forma, não restam dúvidas de que compreender a poesia como um exercício não só literário, mas também filosófico é uma abertura basal para pesquisas sob a ótica de que arte, literatura e filosofia não só caminham juntas, como seguem, por essência, pelo mesmo trilho. Destaca-se, então, o papel da filosofia como possível instrumento para o fortalecimento da cultura popular nordestina.

Assim, buscou-se analisar e comparar as relações existentes entre as obras de Friedrich Schiller e algumas obras de poetas populares que, partindo da ideia de *Ingênuo* aqui exposta, dedicaram-se à produção artística espontânea, carente, por vezes, de referências teóricas, mas rica em beleza, arte e Unidade com o princípio essencial defendido pelo filósofo: a Natureza.

REFERÊNCIAS

BASTIÃO, Leonardo. **Minha herança de matuto**. Itapetim: Halley S.A. gráfica e Editora, 2018.

CAVALCANTI, Luciano. **Poesia, o que é e para quê serve?**
Disponívelem: <https://revistacult.uol.com.br/home/para-que-serve-poesia/>

LAMARTINE. **Os destinos da poesia (excertos)**: 1834. In LOBO, Luiza. **Teorias poéticas do romantismo**. Rio de Janeiro/Porto Alegre: UERJ/Mercado aberto, 1987.

MEDEIROS, Irani. **Pinto do Monteiro, o bardo do Cariri**. 2. ed. ampl. João Pessoa: EDUEP, 2007.

MOREIRA, Verônica. **O canto da poesia**. Recife: Bagaço, 2006.

SANTANA, Doralice. **Poesia popular nordestina: uma abordagem para o tratamento da relação fala-escrita.** Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 2009. Disponível em: <http://tede2.unicap.br:8080/handle/tede/707>

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem.** ed. 4. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SCHILLER, Friedrich. **Poesia ingênua e sentimental.** São Paulo: Iluminuras, 1991.

SERRINHA, M. **Amigo cão.** Publicado pelo canal Marquinhos da Serrinha. Disponível em: <https://youtu.be/lfZZyvjf4rA?si=Y-MWVq0SzkzMF9-5>

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Orientador Dr. Ramon Bolívar Cavalcanti Germano pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela escuta e sugestões atentas e dedicadas.

À coordenação do curso de Filosofia da Universidade estadual da Paraíba pela atenção e solícitude constantes durante todo o período em que estive como estudante do curso.